QUOTIDIANOS

«Há casos em que a leitura dos manuais é obrigatória, como aprendi literalmente à minha custa (e o meu amigo PT frequentemente se encarrega de mo recordar)»

Dezembro. 13.40h

Durante escassos minutos tive no pulso, a título de empréstimo feito por mão amiga, um dos 60 exemplares do 'Vagabondage', magnífica peça relojoeira ('realização relojoeira' como dizem os *cognoscenti*) da autoria de F.P. Journe, um dos grandes mestres relojoeiros da actualidade, pessoa singular mas acessível, bom garfo e apreciador de bom vinho, como tive a oportunidade de constatar nos encontros que com ele tive em Lisboa a convite do meu Amigo PT.

Janeiro. 11.45h

Da minha Mãe herdei uma incapacidade atávica para compreender os mais elementares princípios do funcionamento mecânico de qualquer que seja a maquineta e, sobretudo, uma aversão primária à leitura de manuais de instruções que as acompanham, hoje transformados em espécie de Novos Testamentos. Afinal, se a coisa foi adquirida para fazer café, cortar a relva ou descascar batatas e é suposto fazê-lo, não basta que tenha um 'On' e um 'Off'?! Lembrei-me de tudo isto quando após ter ligado à corrente o televisor acabado de adquirir para substituir o velhinho cuja imagem se tinha degradado para além do aceitável antes de causar algum descolamento da retina – qual canal 18 não descodificado... nada, absolutamente nada, para além do ruído e imagem de 'chuva'. Então não é que era preciso ler o manual de instruções do electrodoméstico... sintonizar canais... e sei lá mais o quê, como se eu fosse algum Engenheiro electrónico?! Resignado, que remédio, lá li umas quantas páginas em diagonal, saltando selectivamente os múltiplos avisos para mentecaptos... «não coma os fios que lhe podem fazer mal»; «não instale o televisor na banheira»; e outras introduções ao princípio das coisas... «certifique-se primeiro que o televisor foi retirado da caixa e que os plásticos de protecção foram removidos... ligue a ficha (figura 1) à tomada da corrente...». No processo devo ter saltado mais informação do que deveria, porque ao cabo de uma hora e tal aquilo não ficou propriamente bem, a RTP1 no Canal 21, a RTP2 no 14 e os outros onde lhes apeteceu, e a minha Mãe a sentenciar do alto dos seus 90 anos que «para (eu) fazer aquele serviço mais valia ter deixado ficar a TV antiga». O assunto resolveu-se passadas semanas, com um técnico, que é para isso que eles servem.

Há casos em que a leitura dos manuais é obrigatória, como aprendi literalmente à minha custa (e o meu Amigo PT frequentemente se encarrega de mo recordar), daquela vez que resolvi acertar um 'complicações', calendário perpétuo com cronógrafo, fora da 'janela de oportunidade' recomendada no livrinho, donde resultou que o movimento da máquina tenha entrado em coma profundo e dele só tenha saído meses mais tarde, na Suíça, após substituição das peças danificadas por outras que tiveram de ser fabricadas de propósito. Espero não voltar a contribuir financeiramente para a sustentação da micro-mecânica suíça de sobressalentes.

Fevereiro. 10.25h

Retirar o invólucro de celofane de um CD traduz-se invariavelmente num enervante exercício de falta-de-unhas, de falta-de-ponta por onde se lhe pegue... e o leitor à espera da introdução do CD, que não sai da caixa porque ela não se abre e que quando se abre por vezes se parte pelas dobradiças que têm uma estranha propensão para se desencaixarem. Pior, pior, só me ocorre o modelo dos envelopes colados e picotados das notificações postais da nossa inefável Administração Fiscal.

Depois há uma vastidão de produtos de consumo diário equipados com uma panóplia de dispositivos 'click-clack' e 'puxa-rasga', de abertura supostamente fácil e que não raro nos ficam nas mãos, negando o paradigma do *user friendly*. Muitas embalagens do nosso dia-a-dia continuam completamente arcaicas, de um tempo que não é o nosso, espécie de sub-produtos da post-revolução industrial. Um bando de eurocratas que a esta hora pode estar reunido a pensar como regulamentar o tamanho das unhas que um Europeu UE pode ostentar, bem poderia utilizar a massa cinzenta na criação de mecanismos conducentes à modernização das embalagens ou, pelo menos, à sua normalização entre os Estados, na condição que o nivelamento fosse feito por cima. Os consumidores agradeceriam.

Fernando Campos Ferreira